

Na chegada, mais de cem mil pessoas

“Reforcem bem os cordões de isolamento e não liberem ninguém. O povo está muito emocionado e pode invadir”. A mensagem escapou do rádio-receptor de um dos agentes de segurança do Planalto que tentava organizar, quando da chegada do corpo do presidente Tancredo Neves ao Palácio, uma barreira humana para evitar que a multidão que se aglomerou no local alcançasse a rampa, onde o blindado Urutu, do Exército, carregando o ataúde coberto pela Bandeira Nacional, estacionara, para aguardar a salva de 21 tiros de canhão em homenagem ao líder morto.

Eram mais de 100 mil pessoas a esperar o momento de ver Tancredo Neves subir a rampa do Palácio. Desde às 9 horas da manhã que populares chegavam à Praça, antes mesmo que a Polícia Militar do DF, um batalhão de pára-quedistas do Exército, outro da Polícia do Exército, o Departamento de Trânsito e a Polícia Civil preparassem os esquemas de proteção para o recebimento do corpo e a visita pública, que acabaram atrasando mais de cinco horas.

Logo cedo, um grupo de cerca de 100 pessoas se alojou ao lado do panteon erguido em homenagem ao presidente Juscelino Kubitschek e passou a reclamar, a cada vez que transitava no local um carro oficial, o arriamento da bandeira do Pavilhão Nacional. Os protestos foram ganhando força à medida em que novas pessoas se aliavam ao grupo, que passou a integrar também representantes do MR 8.

Um grupo de policiais do Exército acabou criando em torno do grupo um cordão de isolamento e um tenente, que não quis se identificar, passou a explicar aos populares que a bandeira não poderia ser baixada, por haver um decreto proibindo. “É a única bandeira em todo o País que deverá permanecer no topo”, explicou, descartando que fosse a existência de problemas técnicos no mecanismo do Pavilhão que estivesse impedindo o arriamento indicativo do luto nacional.